

ASPECTO DA LITERATURA BRASILEIRA: O RITMO ESTÉTICO

Carlos Erivany FANTINATI*

- **RESUMO:** Tem-se como objetivo mostrar um dos aspectos da concepção de literatura brasileira desenvolvida por Antonio Candido em um conjunto de textos publicados entre 1953/5 e 1997. Dentre os três aspectos possíveis – os outros dois são o ritmo histórico e social e o sistema literário – o escolhido foi o ritmo estético, regido pela dialética do local e do cosmopolita, que, para o autor, funcionaria como “lei de evolução da nossa vida espiritual” – “se fosse possível estabelecer uma” (CANDIDO, 1965, p.131) –, presente, de modo decisivo, nas formas de expressão de nossa literatura, em cujo processo histórico se manifesta de modo diverso nas várias etapas do longo percurso que vai da dependência do período colonial até a integração na interdependência cultural de nosso tempo. O autor constrói sua concepção de literatura brasileira em tensão com a noção nacionalista de literatura do Brasil, que, de origem romântica, prossegue no Naturalismo e Modernismo, atingindo tempos ulteriores. Complementam a exposição algumas considerações sobre o processo de difusão e recepção das obras que propagam suas idéias, expressões de sua visão de mundo, “fiel à tradição do humanismo ocidental”(CANDIDO, 2008, p.11).
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura brasileira. História. Formas de expressão. Dialética do local e do cosmopolita. Antonio Candido. Nacionalismo.

Durante os anos em que fui professor de Literatura Brasileira procurei fornecer aos alunos uma concepção da literatura nacional segundo formulação realizada por Antonio Candido não em uma única obra, mas num conjunto de textos publicados entre 1953/5 e 1997. Anotados e atualizados os dados para as aulas conforme as obras e os ensaios do autor eram publicados, foram eles organizados em função de três aspectos, tratados pelo autor ao longo dos seus processos de formação e desenvolvimento. Os aspectos são o sistema literário, o ritmo estético e o ritmo histórico e social, enfocados e explicitados em ensaios anteriores à *Formação da literatura brasileira*, de 1959, mas nela examinados de forma orgânica e interrelacionada e, depois dela, abordados em diferentes ensaios até quase o fim do século passado.

* Professor aposentado de Literatura Brasileira. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Literatura. Assis – SP – Brasil. 19806 900 – cefantinati@uol.com.br

Neste artigo, procurarei mostrar um único dos aspectos dessa concepção da literatura brasileira construída por Antonio Candido – o ritmo estético –, conduzido pela dialética do local e do cosmopolita, e que, deste ângulo, vê a concepção nacionalista de nossa literatura, de raízes românticas, como um aporte antagônico e equivocado. Outro aspecto, já mencionado, mas que não cabe nos limites deste texto, é o ritmo histórico e social da literatura nacional, que se caracteriza por três momentos de um processo que vai da “literatura de incorporação”, com sua função imperialista e onívora em nossa cultura, passando pela “literatura de cooperação”, cujo marco inicial é a publicação de *Os sertões*, em 1902, e de que resulta a afirmação do “ensaio” como forma de expressão nacional, até a “literatura de depuração”, que, datada de 1945, caminha em direção a um centramento na “literatura literária” (CANDIDO, 1965, p.156-165). E, finalmente – só para deixar assinalado – tem-se o terceiro aspecto da concepção plasmada por Antonio Candido acerca da literatura nacional: a noção de “literatura como sistema”, título do primeiro capítulo da “Introdução” da *Formação da Literatura Brasileira*.

A formulação e emprego de sistema literário pelo autor antecede o ano de 1959, mas é a partir dessa data, a da publicação da *Formação*, onde funciona como pressuposto geral da obra, que provoca reações, inclusive adversas, sendo talvez a mais marcante a que se deu quando do seu 30º aniversário, em 1989, comemorado às avessas, espécie de contra-cumprimento ou anti-congratulações, enviado no título ambíguo, dado por crítico, poeta e também jurista a sua publicação. Nele condensa intencionalmente suas especialidades e qualidades de artesão da linguagem, e, ao mesmo tempo, assume a condição de militante formalista, pondo-se nitidamente em tensão no campo intelectual, postura, aliás, coerente com a do movimento ao qual se filiava e de que é um dos fundadores: a Poesia Concreta. Refiro-me ao livro de Haroldo de Campos *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira. O caso Gregório de Mattos* (1989).

Abandonando, assim, de vez a exposição sobre a noção de “literatura como sistema” e a de “ritmo histórico e social” da literatura nacional, retomemos a concepção de “ritmo estético da literatura brasileira” como o único aspecto tratado aqui. Começemos pela recordação da gênese da expressão “ritmo estético” em Antonio Candido e busquemos compreendê-la melhor.

O ensaio VI do livro *Literatura e sociedade*, de 1965, intitulado “Literatura e cultura de 1900 a 1945 (Panorama para estrangeiros)” (CANDIDO, 1965), apresenta atualmente cinco partes numeradas. As quatro primeiras parecem ter constituído, na origem, um texto independente, com título próprio, “Die Literatur als Ausdruck der Kultur im Zeitgenössischen [sic] Brasiliens” (DANTAS, 2002, p.89) [A literatura como expressão da cultura no Brasil contemporâneo], publicado em 1953. Merece ser reconhecido como o primeiro ensaio de interpretação sobre o significado do modernismo para a literatura e cultura do Brasil, elaborado por um

não modernista, pioneirismo que me parece não ter sido apontado suficientemente até hoje pela historiografia literária brasileira. A quinta parte saiu originalmente dois anos depois, em 1955, com o título “Soziologische Betrachtungen über die moderne Literatur Brasiliens” (DANTAS, 2002, p.93) [Considerações sociológicas sobre a moderna literatura do Brasil], também como um texto independente.

É na versão de 1965 que as duas composições parecem ter sido conjuntadas num só texto de cinco partes sob um único e novo título, o atual: “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. Ao realizar a fusão, Antonio Candido operou também liames entre as duas peças originais, sendo um deles o de designar, concisamente, pela expressão “ritmo estético”, fenômeno da literatura brasileira que “parece desenvolver-se conforme a dialética do local e cosmopolita.” (CANDIDO, 1965, p.155), exposto no primeiro texto – as atuais quatro primeiras partes do ensaio onde é abordada nossa literatura entre 1900 e 1945. A formulação concisa “ritmo estético”, ao fazer a conexão entre os dois textos para serem publicados em *Literatura e sociedade*, ganha explicitação, generalização e amplificação na abertura do ensaio, nos seguintes termos:

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Isto se dá no plano dos programas, porque no plano psicológico profundo, que rege com maior eficácia a produção das obras, vemos quase sempre um âmbito menor de oscilação, definindo afastamento mais reduzido entre os extremos. E para além da intenção ostensiva, a obra resulta num compromisso mais ou menos feliz da expressão com o padrão universal. O que temos realizado de mais perfeito como obra e como personalidade literária (um Gonçalves Dias, um Machado de Assis, um Joaquim Nabuco, um Mário de Andrade), representa os momentos de equilíbrio ideal entre as duas tendências.

Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresenta como forma de expressão). A nossa literatura, tomado o termo tanto no sentido restrito quanto amplo, tem, sob este aspecto, consistido numa superação constante de obstáculos, entre os quais o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado, desenvolve em face de velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes. O intelectual brasileiro, procurando identificar-se a esta civilização, se encontra todavia ante particularidades de meio, raça e história, nem sempre correspondentes aos padrões europeus que a educação

lhe propõe, e que por vezes se elevam em face deles como divergentes, aberrantes. A referida dialética e, portanto, grande parte da nossa dinâmica espiritual, se nutre deste dilaceramento, que observamos desde Gregório de Matos no século XVII, ou Cláudio Manuel da Costa no século XVIII, até o sociologicamente expressivo *Grito imperioso de brancura em mim* de Mário de Andrade, – que exprime, sob a forma de um desabafo individual, uma ânsia coletiva de afirmar componentes europeus da nossa formação. (CANDIDO, 1965, p.131-132).

Todas as questões da vida espiritual brasileira, relativas às tensões nas formas de expressão da literatura nacional, nos nossos intelectuais neoclássicos e românticos e na cultura brasileira, vão ser abordadas de forma expandida na *Formação*, não sendo por acaso que o primeiro parágrafo do seu primeiro capítulo, “Literatura como sistema”, na “Introdução”, seja justamente sobre o “ritmo estético”:

Este livro procura estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas. Embora elas não ocorram isoladas, mas se combinem de modo vário a cada passo desde as primeiras manifestações, aquelas parecem dominar nas concepções neoclássicas, estas nas românticas – o que convida [...] a dar realce aos respectivos períodos. (CANDIDO, 1964, p.25).

Em 1961, Antonio Candido publica – como capítulo da obra coletiva dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, *História Geral da Civilização Brasileira* – um ensaio que recebeu, em *Literatura e sociedade*, em 1965, o título definitivo de “Letras e idéias no período colonial” (CANDIDO, 1965), tendo como observação entre parêntesis a expressão: “exposição didática”. A natureza do texto, exteriorizada nessa expressão, é inscrita fortemente já na diagramação do ensaio em sua primeira edição e mantida em 1965 em *Literatura e sociedade*, quando o fluxo do discurso é entrecortado com 21 subtítulos, compondo cada um deles um tópico, com exceção de dois, sem titulação, resultando um total de 23 tópicos, o que faculta várias entradas ao texto e facilita o reconhecimento dos assuntos abordados em cada tópico. A diagramação original foi substituída nas edições posteriores à terceira, de 1973, quando a matéria foi agrupada em 5 partes, sem títulos, e acrescida de uma conclusão separada por asterisco, procedimento conservado da primeira edição. O texto se abre com a apresentação clara e didática das duas visões de literatura brasileira: a do autor e a que lhe é antagônica – a de origem romântica –, exposta como abertura:

Os primeiros estudiosos da nossa literatura, no tempo do Romantismo, se preocuparam em determinar como ela surgiu aqui, já que o relativismo então reinante ensinara que as instituições da cultura radicam nas condições do meio, variando segundo elas. E como a época era de exigente nacionalismo, consideravam que lutara dois séculos para se formar, a partir do nada, como

expressão de uma realidade local própria, descobrindo aos poucos o verdadeiro caminho, isto é, a descrição dos elementos diferenciais, notadamente a natureza e o índio. [...]

Daí, a concepção passou à crítica naturalista, e dela aos nossos dias, levando a conceber a literatura como processo retilíneo de abasileiramento, por descoberta da realidade da terra ou recuperação de uma posição idealmente pré-portuguesa, quando não antiportuguesa. Resultaria uma espécie de espectrograma em que a mesma cor fosse passando das tonalidades esmaecidas para as mais densamente carregadas, até o nacionalismo triunfal dos indianistas românticos. (CANDIDO, 1965, p.107-108).

Prosseguindo na sua explanação da posição romântica, mostra seu afastamento em relação a ela e a vinculação da perspectiva moderna, que é como considera a sua, ao Neoclassicismo/Ilustração da segunda metade do século XVIII e início do XIX:

Esse ponto de vista [o romântico] é historicamente compreensível como elemento de tomada de consciência da jovem nação, tanto mais quanto os letrados brasileiros [os árcades e ilustrados], a certa altura do século XVIII, passaram conscientemente a querer fundar ou criar uma literatura nossa, embora sem as aspirações separatistas dos românticos. O ponto de vista moderno tenderia mais aos deles, pois o que realmente interessa é investigar como se formou aqui uma literatura, concebida menos como apoteose de cambucás e morubixabas, de sertanejos e cachoeiras, do que como manifestação dos grandes problemas do homem do Ocidente nas novas condições de existência. Do ponto de vista histórico, interessa averiguar como se manifestou uma literatura enquanto sistema orgânico, articulado, de escritores, obras e leitores ou auditores, reciprocamente atuantes, dando lugar ao fenômeno capital de uma tradição literária. (CANDIDO, 1965, p.108).

E fecha sua argumentação com a questão do ritmo estético: “Historicamente considerado, o problema da ocorrência de uma literatura no Brasil se apresenta ligado de modo indissolúvel ao ajustamento de uma tradição literária já provada há séculos – a portuguesa – às novas condições de vida no trópico.”(CANDIDO 1965, p.108-109).

Publicado em versão final em 1987 com o título “Literatura de dois gumes”, no livro *A Educação pela noite e outros ensaios* (CANDIDO, 1987), este escrito foi lido, no seu nascimento público, em tradução de Celso Lafer, na Universidade de Cornell, em março de 1966, e impresso, com alguns cortes e o título “*Literature and the Rise of Brazilian Self-Identity*”, na *Luso-Brazilian Review* (1968), saindo, em português, no *Suplemento Literário do Minas Gerais* (1969), com o título “Literatura e consciência nacional”. O ensaio veio a lume junto a um público estrangeiro, “[...] para mostrar qual foi o papel da literatura no processo de

formação nacional do Brasil.”(CANDIDO, 1987, p.179-180). Nele, reitera mais uma vez, para ouvintes e leitores tão diferentes, sua divergência com relação aos teóricos românticos, em especial no tópico quatro – “O geral e o particular nas formas de expressão” –, e principia o tópico um, chave dos demais – “Imposição e adaptação cultural” –, introduzindo concretamente a atitude de espírito básica do ensaio, o “sentimento dos contrários” (CANDIDO 1987, p.164), insere no campo da história, concebida como dialética entre o geral e particular: “Para o historiador, o aspecto mais interessante da literatura nos países da América é a adaptação dos padrões estéticos e intelectuais da Europa às condições físicas e sociais do Novo Mundo por intermédio do processo colonizador, de que é um episódio.” (CANDIDO, 1987, p.164).

Lançado em português em 1973, no primeiro número da revista *Argumento*, e só recolhido em livro, no Brasil, em 1987, em *A educação pela noite e outros ensaios*, “Literatura e subdesenvolvimento” (CANDIDO, 1987) é possivelmente o escrito de Antonio Candido que mais tenha sido traduzido para as mais diferentes línguas do planeta conforme descrição pormenorizada das edições realizada por Vinicius Dantas (2002). Aqui também está revivida a questão do ritmo estético centrado na dialética do local e do cosmopolita e reproposta agora como um processo que vai da dependência passando para a interdependência, conforme é rotulado o subtópico 4.a da edição espanhola (CANDIDO, 1972). Após tratar do ritmo estético evocando nosso “vínculo placentário” com a Europa, acicata mais uma vez a posição nacionalista como ideológica para concluir categoricamente sobre as formas de expressão:

O simples fato de a questão nunca ter sido proposta [a da rejeição das formas de expressão pelo nacionalismo e nativismo] revela que, nas camadas profundas da elaboração criadora [as que envolvem a escolha dos instrumentos expressivos], sempre reconhecemos como natural a nossa inevitável dependência. Aliás, vista assim ela deixa de o ser, para tornar-se forma de participação e contribuição a um universo cultural a que pertencemos, que transborda as nações e os continentes, permitindo a reversibilidade das experiências e a circulação dos valores. (CANDIDO, 1987, p.152).

E arremata, peremptório:

Sabemos, pois, que somos parte de uma cultura mais ampla, da qual participamos como variedade cultural. E que, ao contrário do que supunham por vezes ingenuamente os nossos avós, é uma ilusão falar em supressão de contactos e influências. Mesmo porque, num momento em que a lei do mundo é a inter-relação e a interação, as utopias da originalidade isolacionista não subsistem mais no sentido de atitude patriótica, compreensível numa fase de formação nacional recente, que condicionava uma posição provinciana e umbilical. (CANDIDO, 1987, p.154).

Em 1982, Antonio Candido faz em Caracas, na Venezuela, uma intervenção na primeira reunião preparatória para discutir o projeto de uma “Historia de la literatura latinoamericana”, cuja transcrição tem o título “Literatura e história na América Latina (do ângulo brasileiro)”, que se encontra no volume organizado por Ana Pizarro, *Hacia una historia de la literatura latinomericana* (1987), conforme informa em rodapé Vinicius Dantas em *Textos de intervenção* (CANDIDO, 2002, p.98). Dantas preserva para o texto a classificação espanhola de *ponencia*, isto é, uma proposta que se faz para o debate numa reunião, que se materializa na expressão de uma ou várias frases curtas, seguida de algumas páginas de fundamentação. É como um trabalho de investigação, mas com alguma conclusão ou proposta, que seria a *ponencia* propriamente dita, a qual poderia situar-se no principio ou ao fim, informam diferentes fontes espanholas aqui fundidas. Composto de onze pontos numerados, o texto dissertativo expõe a concepção de história da literatura elaborada por Antonio Candido, merecendo destaque o ponto de número três, por ser o local onde teria posto sua *ponencia*, como proposta de estudo da literatura na América Latina enquanto “constituição de uma linguagem culta” (CANDIDO, 2002, p.98), cujo estudo pode “[...] gerar dois tipos de teorias e metodologias. Ambos são válidos e não devem ser considerados mutuamente exclusivos; e sim correspondentes a dois ‘momentos’ dialéticos do processo global: a) a literatura como prolongamento das literaturas metropolitanas – e b) como ruptura em relação a elas.” (CANDIDO, 2002, p.99). Após explicar o sentido histórico do termo “prolongamento” e o estético do “ruptura”, aproveita para contraditar o que seriam os equívocos de uma *ponencia* nacionalista, em nossos dias, sobre o mesmo tema, que, “[...] levado ao extremo, torna inexplicável o processo literário na América Latina, na sua dialética de prolongamento e ruptura.” (CANDIDO, 2002, p.100).

O último texto – o sétimo da coletânea até aqui percorrida – é datado de 1997, tem como título *Iniciação à literatura brasileira* e contém, como sua complementação, entre parêntesis, a indicação “Resumo para principiantes”. Na “Nota prévia”, datada de 1996, Antonio Candido explica: “[...] o que se segue é um resumo da Literatura brasileira, escrito em 1987 para leitores estrangeiros, como capítulo de uma obra coletiva sobre o Brasil a ser editada na Itália no quadro das comemorações do 5º Centenário do descobrimento da América [...]” (CANDIDO 1997, p.7). O livro acabou não saindo, e quase dez anos depois decide “[...] não a fazer dele um pequeno livro regularmente editado [...], mas publicá-lo como texto interno da nossa Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo” com o objetivo de “[...] oferecer aos jovens da Casa uma espécie de *aide mémoire* (sic), que esclareça o desenho geral da literatura brasileira e sirva de complemento a textos mais substanciosos.” (CANDIDO,1997, p.7). Nele, lê-se, em essência, mais uma vez sua concepção do ritmo estético da literatura brasileira que, iniciada com

a afirmação “A literatura do Brasil faz parte das literaturas do Ocidente da Europa”, termina assim: “De certo modo, poderíamos dizer, como um escritor italiano, que a literatura brasileira ‘é a imagem profunda de um mundo que em vão chamamos *terceiro*, pois na verdade é a *segunda Europa*.” (RUGGERO JACOBBI apud CANDIDO, 1997, p.9-10).

Os textos examinados até aqui, além de apresentar a visão do autor sobre o ritmo estético da literatura brasileira e sua crítica à visão nacionalista, revelam ainda um outro ângulo também constante na percepção que Antonio Candido tinha do processo literário brasileiro: a de definir, caracterizar e precisar as etapas do ritmo estético, percorridas desde o período colonial, passando pela independência política como nação, até o momento atual de integração transnacional do país, ou seja, desde a dependência até a presente interdependência. Antonio Candido considera três etapas decisivas nesse processo: 1.^a) a dependência inevitável, ocorrida durante o período colonial, que vai esteticamente até o surgimento do Romantismo em 1836; 2.^a) a transferência da dependência, assinalada por dois momentos estéticos marcantes: o Romantismo e o Modernismo (1836-1945); e 3.^a) a interdependência que, vinda de antes, tem como marco o ano de 1945, início das chamadas tendências estéticas contemporâneas, atingindo nossos dias e mesmo se projetando para além deles.

Deixando de lado certos matizes que tingem com maior ou menor força a caracterização de cada etapa do ritmo estético, nos diferentes textos escritos entre 1953/5 e 1997, explicáveis por fatores variados, sobretudo pelos de fundo contextual, aos quais Antonio Candido sempre se mostra sensível, buscaremos complementar, a partir de agora, o delineamento de seus principais traços.

Na primeira etapa da dialética do local e do cosmopolita – período colonial –, impera o **duplo processo de imposição e adaptação cultural**, cuja caracterização bifronte é feita de forma rigorosa e progressiva, tanto no plano temporal como no nível de complexidade das obras, no primeiro tópico do já citado ensaio “Literatura de dois gumes”, que tem, justamente no título, a condensação do processo a ser descrito: a imposição do geral – a cultura e as formas de expressão da Europa por meio da ação ao mesmo tempo pacífica e violenta da Igreja e do Estado portugueses – e sua adaptação ao particular brasileiro – as condições físicas, sociais e humanas (os povos indígenas e, pouco depois do descobrimento, os africanos) existentes na Colônia – para exprimi-lo. Aqui, no período colonial, é que é gerado o “**vínculo placentário**” com a Europa, a nossa dependência inevitável, de que já se falou, ou seja, a chamada “segunda Europa”.

Nesse mesmo ensaio – “Literatura de dois gumes” –, Antonio Candido trata da segunda etapa iniciada com o Romantismo em 1836, afirmando que a ruptura estética entre os dois períodos, o Neoclassicismo e o Romantismo,

[...] não significa ruptura histórica, pois o Romantismo continuou orientado pela mesma tendência, isto é, o duplo processo de integração e diferenciação, de incorporação do geral (no caso, a mentalidade e as normas da Europa) para obter a expressão do particular, isto é, os aspectos novos que iam surgindo no processo de amadurecimento do País. Esta circunstância dá continuidade e unidade à nossa literatura, como elemento de formação da consciência nacional, do século XVI, ou pelo menos do século XVII, até o século XIX. (CANDIDO, 1987, p.179).

Já o longo processo que se inicia com o Romantismo em 1836 e alcança o término no Modernismo em 1945, Antonio Candido trata-o no texto de 1953 – mais tarde, em 1965, chamado “Literatura e cultura de 1900 a 1945” –, quando confronta os dois movimentos literários nesses termos:

Na literatura brasileira, há dois momentos decisivos, que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo no século XIX (1836-1870) e o ainda chamado Modernismo, no presente século [XX] (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história da nossa cultura; a velha mãe pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado. O particularismo se afirma agora contra todo academismo, inclusive o de casa, que se consolidara no primeiro quartel do século XX, quando chegaram ao máximo o amaciamento do diálogo e a conseqüente atenuação da rebeldia. (CANDIDO, 1965, p.134).

Esse confronto entre os dois movimentos permanece como elemento fundamental na composição do ensaio, sobretudo na do notável terceiro tópico, em que é realçada a importância e o significado do movimento modernista da perspectiva do ritmo estético. Após comparar temática e formalmente os dois movimentos, Antonio Candido consegue, no melhor estilo modernista, transposto para a linguagem do historiador e crítico, comprimir, isomorficamente, numa justaposição sintática, o novo momento da dialética do local e do cosmopolita, instaurado pelo movimento literário, ao abrir um parágrafo por meio da montagem dos dois elementos que a constituem, a saber: **“Desrecalque localista; assimilação da vanguarda européia.”** (CANDIDO, 1965, p.145, grifo nosso).

Essa criativa formulação conteria implicitamente, como anterioridade e antítese, um outro slogan da mesma dialética, lá no Romantismo, que o Modernismo de 1922 pôs abaixo: **“recalque localista; imitação européia”**, com suas manifestações de idealização e complexo de inferioridade, no plano temático, e ambivalência – cópia

e rejeição –, no plano formal, descrito com clareza e elucidado com pormenores, em 1970, no tópico cinco, dedicado à análise deste último fenômeno, no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento” (CANDIDO, 1987, p.156-157, grifo nosso).

Nesse mesmo ensaio, trata ainda da questão da originalidade nas literaturas latino-americanas, começando por mostrar que

[...] nos momentos em que influímos de volta nos europeus, no plano das obras realizadas por nós (não no das sugestões temáticas que o nosso continente oferece para eles elaborarem como formas mais ou menos acentuadas de exotismo), em tais momentos, o que devolvemos não foram invenções, mas um afinamento dos instrumentos recebidos. Isto ocorreu com Rubén Dario em relação ao “Modernismo” (no sentido hispânico); com Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos em relação ao Neo-realismo português. (CANDIDO, 1987, p.152).

E acrescenta:

Um estágio fundamental na superação da dependência é a capacidade de produzir obras de primeira ordem, influenciada, não por modelos estrangeiros imediatos, mas por exemplos nacionais anteriores. Isto significa o estabelecimento do que se poderia chamar um pouco mecanicamente de causalidade interna, que torna inclusive mais fecundos os empréstimos tomados às outras culturas. (CANDIDO, 1987, p.153).

Ainda em “Literatura e subdesenvolvimento”, inventaria alguns acontecimentos que, a partir da década de 1920, apontam para a passagem da dependência para a interdependência cultural:

A partir dos movimentos estéticos do decênio de 1920; da intensa consciência estético-social dos anos 1930-1940; da crise de desenvolvimento econômico e do experimentalismo técnico dos anos recentes, começamos a sentir que a dependência se encaminha para uma interdependência cultural [...]. Isto não apenas dará aos escritores da América Latina a consciência da sua unidade na diversidade, mas favorecerá obras de teor maduro e original, que serão lentamente assimiladas pelos outros povos, inclusive os dos países metropolitanos e imperialistas. O caminho da reflexão sobre o desenvolvimento conduz, no terreno da cultura, ao da integração transnacional, pois o que era imitação vai cada vez mais virando assimilação recíproca. (CANDIDO, 1987, p.154-155).

Tais fatos provocam repercussões no ritmo estético da literatura, dando-lhe uma nova configuração:

[...] Não há imitação nem reprodução mecânica. Há participação nos recursos que se tornaram bem comum através do estado de dependência, contribuindo

para fazer deste uma interdependência. A consciência destes fatos parece integrada no modo de ver dos escritores da América Latina; e um dos mais originais, Júlio Cortázar, escreve coisas interessantes sobre o novo aspecto que apresentam fidelidade local e mobilidade mundial, numa entrevista à revista *Life* (v.33, n.7). E a propósito das influências estrangeiras nos escritores recentes, Rodriguez Monegal assume [...] atitude que se poderia chamar de justificação crítica da assimilação. (CANDIDO, 1987, p.155-156).

Entre as duas formulações, aquela que melhor parece captar as duas tendências que regem, nessa nova etapa, o ritmo estético da literatura dos países da “segunda Europa” é a fórmula cortazariana: “fidelidade local e mobilidade mundial”.

Vinte cinco anos depois do ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, isto é, no ano de 1995, Antonio Candido continua a se ocupar do ritmo estético da literatura da “segunda Europa”, porém, com uma diferença: se em 1970 movia-o um ânimo retrospectivo que o levava a buscar os sinais da interdependência no passado, atingindo os mais remotos indícios na década de 1920 do século XX, impulsiona-o, agora, um ímpeto prospectivo que tenta captar os sintomas que apontam para a nova configuração da interdependência que está se processando, conforme se pode ler no notável ensaio “Literatura, espelho da América?”, publicado na *Luso-Brazilian Review* (1995) e, em 1999, republicado em *Antonio Candido: Remate de Males* (1999). Antonio Candido principia por traçar as linhas gerais do contexto:

Nos nossos dias [...] há por toda parte a tendência à cosmopolitização com a superação dos particularismos e até eventualmente das nações como [sic] a formação de blocos supranacionais. O contacto de todas as partes do mundo pela TV, a universalização de usos e costumes, a possibilidade de saber imediatamente o que acontece no mundo – significam uma nova era e, na literatura, a superação dos particularismos. Com isso a América Latina tende a assumir linguagens mais ou menos desligadas do projeto nacional, parecendo renunciar cada vez mais a um dos seus timbres tradicionais, que foi o culto do traço local, inclusive sob a forma de regionalismo. (CANDIDO, 1999, p.109).

Após assinalar as modificações contextuais de tipo geral, propõe a seguinte indagação de cunho particularista:

E aí surge um problema: dado o império dessas tendências é possível pôr de lado os “temas” de caráter particularista em países como os da América Latina, que ainda não foram homogeneizados sobre a base dos padrões urbanos avançados: países nos quais subsistem áreas consideráveis de particularismo essencial nos costumes, na fala, nas crenças? Isto estabelece uma tensão cuja solução está pendente. A fim de dar corpo às considerações feitas até aqui, abordarei a questão da narrativa regionalista na literatura brasileira. (CANDIDO, 1999, p.109-110).

Na resposta, analisa, primeiramente, o regionalismo pitoresco do romantismo e o problemático do modernismo; aborda, em seguida, o super-regionalismo de Guimarães Rosa e conclui, ao final, sobre o problema proposto lá no início:

[...] há uma relação necessária entre a organização interna da obra (concebida como texto) e algo exterior que lhe fornece a matéria, o elemento constitutivo, que é o seu tema e representa a sua âncora na realidade do mundo, da personalidade, das idéias. Nos países da América Latina há uma equação constante entre a gratuidade e o empenho, bem clara na persistência do regionalismo em sucessivas modalidades, mesmo quando as literaturas que servem de modelo (européias, norte-americanas) já não o praticam mais em obras de alta qualidade. **E essa reflexão leva a confiar na perenidade da literatura, porque ela corresponde a necessidades profundas e é capaz de assimilar a inovação sem perder a capacidade de representar as particularidades do contexto onde funciona.** (CANDIDO, 1999, p.113, grifo nosso).

A conclusão do ensaio elucida, assim, a questão lançada sobre a narrativa regionalista latino-americana em geral e a de Guimarães Rosa em particular. Mas, ela não se restringe a isso: dá, também, uma resposta mais depurada – (“depuração” é uma palavra prezada por Antonio Candido, desde 1955, e merece um estudo por indicar em sua obra um estágio quase último e final – o limite – de um processo) – à tensão entre mobilidade mundial e fidelidade local. Mais importante ainda: ela também responde a um possível outro momento do ritmo estético das literaturas nacionais, posto em termos de conjectura, lançado como que despreziosamente no fim do primeiro tópico do ensaio. Fazendo uma analogia entre a origem e a evolução da tragédia na Grécia e a novela de televisão mexicana e brasileira, Antonio Candido (1999, p.106) antevê:

Posso apenas conjecturar, imaginando, por exemplo, que talvez a mídia atual seja, em nosso mundo tumultuoso, uma forma tosca de manifestação estética que ainda ensaia os primeiros passos para se tornar algo mais elaborado no futuro. É possível, por exemplo, que a novela de TV, tão importante em países como o Brasil e o México, seja um gênero capaz de transformar-se em algo de real qualidade estética, representando uma grande contribuição da América Latina à literatura dramática do próximo século, como a tragédia grega saiu do carro de Téspis. Isto equivale a dizer que dos meios atuais de comunicação de massa poderiam sair um dia os Brechts e Pirandellos, os Borges e Machados de Assis, os Eliots e Maiakovskis – isto é, os dramaturgos, ficcionistas e poetas da modernidade, ajustando o espírito do tempo à alta qualidade da produção por meio dos recursos técnicos atuais e futuros.

Nessa especulação que invoca o futuro, Antonio Candido parece já não mais manejar o ritmo estético regido pela dialética do geral e do particular das literaturas

da “segunda Europa”, que já apresentar-se-iam em uma etapa de superação, por ter chegado próximo de um momento limítrofe, que caminharia para o império de uma literatura universal, fulcrada na mídia e entendida, à semelhança de toda literatura, como um processo de configuração dotado de dupla face: uma, dirigida para o texto, a cujas estruturas internas compete a assimilação da inovação; e outra, orientada para um contexto, em vias de extinção de particularismos, contexto este que ela representa e onde funciona, ou, talvez melhor, para o *Zeitgeist*, do qual deriva e para o qual retorna dialeticamente, onde a América Latina teria a oferecer uma inovadora forma de expressão: a telenovela.

Entrando agora na parte final dessa exposição, convém principiar lembrando que é possível distinguir na posição crítica de Antonio Candido diante da concepção romântica da literatura brasileira dois aspectos: um de compreensão, outro de refutação ou desmascaramento. Mostra-se ele compreensivo quando a vê no quadro do Romantismo, entre 1836 e 1881, e no contexto que se instaura com a Independência a partir de 1822, conforme se pode ler em “Letras e idéias no período colonial”, quando fecha a exposição da posição romântica com o enunciado de que “(E)ste ponto de vista é historicamente compreensível como elemento de tomada de consciência da jovem nação [...]” (CANDIDO, 1965, p.108).

A refutação da posição nacionalista se manifesta em razão de ter ela extrapolado o quadro e o contexto de origem e ter chegado, por meio do Naturalismo e do Modernismo, até a segunda metade do século XX, como a concepção dominante no modo de conceber e interpretar a nossa literatura, justamente quando Antonio Candido principia a difundir sua visão da literatura brasileira. Nesse momento, encontra a tradição nacionalista de ver a literatura brasileira como hegemônica, e isso o obriga a referir-se a ela quer para aceitá-la ou rejeitá-la, como condição para sua inserção no sistema literário. Ele a rejeita e o faz não só em nome da sua concepção do ritmo estético da literatura brasileira, mas também sob a égide de uma nova consciência do país: a consciência catastrófica do subdesenvolvimento. Instaurada após a Segunda Guerra Mundial, sua posição diante da situação de carências do país em todos os níveis, inclusive no plano cultural, é a de proceder a uma revisão radical da consciência amena do atraso até aí dominante por meio do seguinte procedimento: “Vista de hoje a situação de ontem parece diversa da ilusão que então reinava, pois hoje podemos analisá-la mais objetivamente, devido à ação reguladora do tempo e ao nosso próprio esforço de desmascaramento.” (CANDIDO, 1987, p.148).

Esse posicionamento ou tendência crítico-analítica diante da visão de extração romântica, acoplado ao empenho de expansão de sua concepção de literatura brasileira, difunde-os em duas frentes opostas e complementares – uma externa e outra interna. A frente externa é constituída pelas principais línguas e países do Ocidente, isto é, tanto da Europa propriamente dita quanto “da segunda Europa”, a

saber, da América, fora, portanto, do universo da língua portuguesa. Caracteriza-a a difusão, em primeira apresentação, impressão e edição dos escritos, nas línguas européias de prestígio e penetração, como o alemão, o inglês, o francês e o espanhol, dirigidas quer para um público acadêmico restrito, mas influente e mesmo decisivo, quer para um público amplo, em geral em formação e de repertório cultural em elaboração. Dessa perspectiva, – do público para quem difunde sua pioneira interpretação sobre a relevância do movimento modernista para a literatura e cultura brasileiras – surge compreensível que “Literatura e cultura de 1900 a 1945” – o primeiro ensaio a tratar da nova concepção de literatura brasileira com base na dialética do local e do cosmopolita, datado de 1953/5 – tenha tido sua edição inicial em alemão, com tradução de Rudolf Peschke e Anatol Rosenfeld, para o *Staden-Jahrbuch* do Instituto Hans Staden de São Paulo, e tenha sido caracterizado como “panorama para estrangeiros”.

Embora não receba o mesmo atributo explicitamente, “Literatura e consciência nacional” ou “Literatura de dois gumes” tem um certo viés de **panorama para estrangeiros**, pois o estudo cobre a ligação entre a literatura e “[...] aspectos fundamentais da organização social, da mentalidade e da cultura brasileira em vários momentos de sua formação [...]” e trata a questão “[...] sem obedecer à seqüência cronológica estrita, mas descendo e subindo entre os séculos XVI e XIX, que viram o País adquirir fisionomia própria.”(CANDIDO, 1987, p.163 e p.164). O ensaio surge primeiro em inglês, nos Estados Unidos, lido em 1966 na Universidade de Cornell, é publicado pela de Wisconsin, em 1968, na *Luso-Brazilian Review*, e só depois, no ano seguinte, 1969, sai no Brasil, numa publicação jornalística voltada para o público acadêmico brasileiro, o *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

A mesma tendência panorâmica assinala “Literatura e subdesenvolvimento”, perceptível na longa temporalidade que o ensaio abrange com sua periodização da visão do país em dois momentos: o da consciência amena do atraso e o da consciência catastrófica do subdesenvolvimento, cujo marco final da primeira e inicial da segunda é o ano de 1945, com uma pré-consciência da segunda a partir de 1930. Lançado originalmente, em 1970, em francês, o é, em 1972, em espanhol e só em 1973 em português na revista *Argumento*, tendo antes, ainda, sido reproduzido, em 1972, em larga escala, nas edições em várias línguas da revista *Correio* da Unesco. Já o berço de “Literatura, espelho da América?” foi a *Luso-Brazilian Review* (1995); só quatro anos depois o artigo foi publicado no Brasil.

A tendência interna, focada na língua portuguesa, tem, é claro, por meta o mesmo objetivo da frente externa: arrostar o predomínio das equivocadas concepções de origem romântica na literatura e cultura brasileiras e propugnar pela sua substituição por um enfoque adequado. Antonio Candido articula aqui também a produção e divulgação dos textos em função de dois tipos de públicos: um restrito, mas qualitativamente relevante, constituído pelos leitores de extração

acadêmica, que se comprazem na fruição da *Formação*; outro, amplo, em processo de formação intelectual, para os quais escreve uma “exposição didática”, como “Letras e idéias no período colonial” de 1965, que, mesmo reformulado em 1973, como se viu, não perdeu o caráter de obra voltada para o leitor universitário iniciante na história nacional, conforme era a marca do leitor original visado pela *História geral da civilização brasileira*, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda, onde o texto figurava em 1961 com o título de “Letras e idéias no Brasil colonial”.

Reforça o rol de textos da frente interna a tradução para o português dos textos da frente externa. Alguns desses textos apresentam grau maior de complexidade no tratamento das questões da literatura nacional, conforme a concebe o autor, requerendo, por isso, um leitor mais culto, similar ao da *Formação*, como sucede, por exemplo, com os quatro ensaios, rememorados com suas datas de primeira edição lá fora e aqui: o de 1953/5-65 (“Literatura e cultura de 1900 a 1945”), o de 1968-87 (“Literatura de dois gumes”), o 1970-87 (“Literatura e subdesenvolvimento”) e o de 1995-99 (“Literatura, espelho da América?”), que, voltados para o público acadêmico internacional, apresentam certo traço concessivo, direcionado para um público médio, com o seu enfoque “panorâmico”. Num nível de forte ajustamento, visando primordialmente ao público em processo de formação intelectual, quer internacional quer nacional, está o texto de 1997, *Iniciação à literatura brasileira*. Concebido como um resumo da literatura brasileira para leitores estrangeiros, a ser editado “na Itália no quadro das comemorações do 5º Centenário do descobrimento da América”, tornou-se, na publicação brasileira, um “resumo para principiantes”, o que pode ser compreendido como uma ajuda para a memorização oferecida ao acadêmico principiante sobre a literatura do país.

O mesmo intuito de atingir por meio do texto propedêutico um público amplo, conferindo-lhe um potencial mais largo de penetração, informa também a composição da obra escrita agora em espanhol, publicada pela Monte Ávila de Caracas, em 1968, com o título *Introducción a la literatura de Brasil*. Na quarta capa desse pequeno livro afirma desejar dar a conhecer, num primeiro contacto, “*la médula substancial de la creación literária del Brasil.*” (CANDIDO, 1968, p.9).

Num movimento inverso, dir-se-ia que as traduções dos ensaios e obras de Antonio Candido sobre a história da literatura brasileira para outras línguas, sobretudo as de prestígio no mundo ocidental, reforça a difusão, na frente externa, da sua atitude: defesa de sua posição e desnudamento da tendência à qual se contrapõe.

Para finalizar, poder-se-ia dizer que a elaboração de uma concepção de literatura brasileira por Antonio Candido e sua tensão com a visão nacionalista, bem como a estratégia de difusão externa e interna de suas idéias para distintos públicos e a produção consciente de textos propedêuticos, como poucos intelectuais brasileiros, está em sintonia com sua visão de mundo, que poderia ser mostrada em momentos

de seus textos, em que opera permanentemente a análise objetiva e metódica de um objeto de investigação, acompanhada do esforço de desmascaramento quando solicitado. Sua visão de mundo aparece, ainda, explicitamente, em momentos de esclarecimento, como o fez, por exemplo, no **Discurso do intelectual do ano**, de 2008, ao receber o prêmio Juca Pato, quando deixou-a impressa, claramente, nesses termos:

Devo ser de fato tão antiquado, que venho sendo definido em algumas instâncias como “ilustrado”, devidamente entre aspas, e como alguém preso a uma visão de tipo teleológico da história e do pensamento. Devo esclarecer que, ao contrário do que se poderia pensar, considero esta restrição um elogio. Ela quer dizer que me mantenho fiel à tradição do humanismo ocidental definida a partir do século XVIII, segundo a qual o homem é um ser capaz de aperfeiçoamento, e que a sociedade pode e deve definir metas para melhorar as condições sociais e econômicas, tendo como horizonte a conquista do máximo possível de igualdade social e econômica e de harmonia nas relações. O tempo presente parece duvidar e mesmo negar essa possibilidade, e há em geral pouca fé nas utopias. Mas o que importa não é que os alvos ideais sejam ou não atingíveis concretamente na sua sonhada integridade. O essencial é que nos disponhamos a agir como se pudéssemos alcançá-los, porque isso pode impedir ou ao menos atenuar o afloramento do que há de pior em nós e em nossa sociedade. E é o que favorece a introdução, mesmo parcial, mesmo insatisfatória, de medidas humanizadoras em meio a recuos e malogros. Do contrário, poderíamos cair nas concepções negativistas, segundo as quais a existência é uma agitação aleatória em meio a trevas sem alvorada. (CANDIDO, 2008).

FANTINATI, C.E. An aspect of Brazilian literature: the aesthetic rhythm. **Itinerários**, Araraquara, n.30, p.31-47, Jan./June 2010.

■ **ABSTRACT:** *The aim of this paper is to show one of the aspects of the concept of Brazilian literature, as developed by Antonio Candido in a set of texts published between 1953/5 and 1997. There are three possible aspects of analysis, but two of them will not be considered in this study, that is to say, the historical and social rhythm as well as the literary system. The third one is the aesthetic rhythm, which, oriented by the dialectic between the local and the cosmopolitan, would function as a “law of evolution of our spiritual life” [...] “if it were possible to establish one” (CANDIDO, 1965, p. 131). That rhythm is present in a decisive way in the forms of expression of Brazilian literature, as shown in its historical process, in a different fashion, in many phases of the long transition between the dependence of the Colonial Period and the integration to the cultural interdependence of our time. The author’s concept of Brazilian Literature is developed in tension with the nationalist view of literature from Brazil, of Romantic*

origin and still present in Naturalism and Modernism, until later times. The exposition of this paper is complemented by some considerations about the process of diffusion and reception of the works which spread Candido's ideas – expressions of his world view, which is "faithful to the tradition of Western Humanism" (CANDIDO, 2008, p. 11).

■ **KEYWORDS:** *Brazilian literature. History. Forms of expression. Dialectic between the local and the cosmopolitan. Antonio Candido. Nationalism.*

Referências

CAMPOS, H. de. **O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, A. **Juca Pato:** discurso de Antonio Candido. 2008. Disponível em: <blogs.utopia.org.br/levi/category/aconteceu/page/2/>. Acesso em: 30 set. 2009.

_____. **Textos de intervenção.** Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

_____. Literatura, espelho da América? **Remate de males**, Campinas, p.105-113, 1999. Número especial.

_____. **Iniciação à literatura brasileira:** (resumo para principiantes). São Paulo: Humanitas, 1997.

_____. **A educação pela noite e outros ensaios.** São Paulo: Ática, 1987.

_____. Literatura y subdesarrollo. In: MORENO, C. F. (Coord.) **América Latina en su literatura.** México: Siglo Veintiuno, 1972. p.335-353.

_____. **Introducción a la literatura de Brasil.** Caracas: Monte Ávila, 1968.

_____. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1965.

_____. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. 2.^a ed. rev. e ampl. São Paulo: Martins, 1964.

DANTAS, V. **Bibliografia de Antonio Candido.** São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2002.



